

armos a leitura, guiados pela detalhada descrição e análise de MCLaren, ficamos surpresos em ver quanto isto tem a ver com a nossa escola, quanto os eventos aí descritos e as conexões aí analisadas referem-se simplesmente à escola. A falta de significado que esses jovens encontram diariamente na escola observada por MCLaren, o desenrolar-se, dia após dia, de duas culturas separadas e incomunicáveis - a cultura viva e vital desses jovens, de um lado, a formal e rotineira da escola, do outro e a inexorável entrada da maioria desses estudantes no beco sem saída da reprodução, são todas características de uma instituição que conhecemos muito bem.

Sintetizando sua análise, MCLaren aponta muitas maneiras pelas quais a dinâmica da produção cultural pode fornecer aos professores e educadores os instrumentos para desenvolver uma pedagogia crítica. Isso é especialmente evidente no apelo que MCLaren faz aos professores para questionarem o seu próprio capital cultural e como este mediatiza a maneira pela qual eles estruturam e interpretam as experiências de sala de aula. O discurso da possibilidade é ampliado, ainda, no apelo de MCLaren aos administradores e professores para que desenvolvam modos de currículo e de ensino que apropriem e utilizem o capital cultural dos alunos que atendem. Isto sugere que os professores não apenas sejam mais atentos à imposição de um capital cultural dominante que ativamente silencia aqueles que não compartilham de suas ideologias e interesses, mas também que os professores confirmem e criticamente envolvam, ao invés de simplesmente aclamar, aquelas formas de cultura popular vividas que fornecem o material básico para as experiências dos alunos.

A busca de uma série de elementos normalmente ignorados em análises críticas da escola: o transcendente, o sagrado, o religioso, e também o corpo, a alegria, a dor. Talvez isto que gostaríamos de ver mais freqüentemente em analistas críticos da educação, ao invés de pretensas análises dialéticas, distintamente removidas de qualquer sensibilidade humana. Peter MCLaren escreveu um livro importante que recompensará todos os interessados em analisar a dinâmica ideológica e cultural que constitui a vida escolar. Constitui uma contribuição significativa de um preocupado cientista-professor.

Márcia Simão

GRACINDO, Regina Vinhaes. O ESCRITO, O DITO E O FEITO - Partido Político e Educação. Editora Papirus, Campinas, 1994.

Num momento como o que vivemos hoje, onde, de um lado, as eleições gerais que se avizinham ensejam questionamentos e análises sobre a prática político-partidária brasileira e, de outro, a triste realidade do ensino público em nosso país que começa a ser questionada por grande parte da população, a obra que nos é apresentada torna-se oportuna e original, por propiciar reflexões onde estas duas preocupações convergem, permitindo a visualização da importância dos partidos políticos na delimitação das políticas educacionais.

A autora buscou identificar as idéias, conceitos e valores que os partidos políticos possuem sobre o ensino fundamental, nos três eixos básicos para a construção de políticas educacionais (o público e o privado na educação, a democratização da educação e a qualidade do ensino), através de três momentos da ação parlamentar: o "escrito" (documentos oficiais), o "dito" (entrevistas com parlamentares) e o "feito" (emendas ao Projeto de LDB).

O privilegiamento dado ao ensino fundamental, neste estudo, deve-se ao fato dele configurar-se como a base mínima para a formação da cidadania, que oportuniza a construção de uma sociedade democrática.

A autora apresenta sua obra em cinco capítulos:

No primeiro estabelece um referencial teórico e histórico da evolução dos partidos políticos

no Brasil que, dada sua análise, proporciona a compreensão das singularidades dos atuais partidos.

Por força das singularidades apontadas, no segundo capítulo cria uma tipologia para os atuais partidos políticos, como um "instrumental provisório, não ortodoxo e flexível" para a operacionalização do estudo: os **Invariantes**, os **Mudancistas** e os **Transformadores**. A partir de então, desenvolve uma primeira aproximação entre os partidos políticos e as questões educacionais.

No terceiro analisa a concepção dos partidos políticos sobre o público e o privado no ensino fundamental, detalhando as seguintes dimensões: o papel do Estado; a coexistência da escola pública com a escola privada; a gratuidade do ensino; a arrecadação e a distribuição das verbas públicas.

No quarto capítulo analisa como três facetas da democratização da educação se apresentam na ótica dos partidos políticos: a concepção global sobre democracia e democratização do ensino; o acesso ao ensino fundamental; o comportamento de uma administração educacional democrática.

No quinto apresenta os conceitos gerais que os partidos políticos possuem sobre o tema "qualidade do ensino", através de suas posturas em relação: à organização geral do Sistema Educacional; às condições físicas e materiais da escola; ao currículo de qualidade; ao educador competente.

A subjetividade e o despreparo de muitos dos parlamentares, além das grandes incongruências detectadas em suas posturas (escrito/dito/feito) se, de um lado, ratificaram a fragilidade dos partidos políticos brasileiros, de outro, fizeram descortinar três posturas diferentes sobre o ensino fundamental público, democrático e de qualidade. São três tipos de escolas encarregadas de manter e disseminar a ideologia dos grupos: uma que visa garantir a "não-mudança" social (em termos de uma democracia restritiva e de um capitalismo excludente), através da eficiência do processo educativo como formador de mão-de-obra; outra, que objetiva modificar a realidade (tornando o capitalismo vigente mais "social" e a democracia menos excludente) via uma escola em que a transmissão de conteúdos é seu objetivo e onde a eficácia técnica é sua ênfase; uma terceira que desejando a transformação social (avançando do capitalismo para uma nova ordem econômica e para uma democracia de massas) delinea uma escola de ensino fundamental que visa a efetividade política, através de uma educação libertadora e auto-emancipadora.

O livro de Regina Vinhaes Gracindo além de apresentar uma temática muito original, extremamente atual e altamente relevante, possui outro mérito que é o de criar conhecimentos a partir da realidade concreta. É o "concreto pensado", onde a teoria está amalgamada à realidade, o que certamente propiciará aos educadores e políticos, novas reflexões e o redimensionamento de suas práticas.

Fátima Cunha Ferreira Pinto

TIJIBOY, Juan Antonio. EDUCAÇÃO ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL - NEEM - Núcleo de Estudos em Educação Municipal - Faculdade de Educação - UFRGS, 76 páginas, 1993.

A educação é um reflexo do momento histórico, econômico, político e social vivido por um povo. A educação brasileira testemunha, de forma acentuada, essa afirmativa. A descentralização, se apresenta então, como uma alternativa para equacionar e minimizar a problemática vivenciada pelas populações. Uma das formas de seu processamento é partir-se